



## Escrita, poder e utopia em Pepetela\*

### Writing, power and utopia in Pepetela

*Carolina Bezerra Machado\*\**

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo partir das diferenças e contradições que fizeram parte da trajetória intelectual do escritor angolano Pepetela para compreender as suas representações sobre a sociedade angolana no pós independência, partir da chave da utopia e desilusão. Todavia, compreende-se que de diferentes formas o escritor <sup>revela</sup> realidades complexas e múltiplas que contribuem para ressignificar conceitos e afirmar posições políticas, influenciando diretamente o nosso olhar para a sociedade angolana.

**Palavras-chave:** Pepetela, Angola, Literatura, utopia, poder.

**Abstract:** This article aims to start from the differences and contradictions that were part of the intellectual trajectory of the Angolan writer Pepetela to understand his representations about post-independence Angolan society, from the key of utopia and disillusionment. However, it is understood that in different ways the writer reveals complex and multiple realities that contribute to reframing concepts and affirming political positions, directly influencing our view of Angolan society.

**Keywords:** Pepetela, Angola, literature, utopia, power.

#### Um Intelectual entre fronteiras

No entanto, entre os presentes, quem não mete bens do Estado no bolso? Só as crianças, inocentes. Por enquanto. Basta crescerem um pouco...O que é de todos (o Estado) não tem dono, pode ser cassumbulado, ideia persistente e que ultrapassa esse país, atingindo o continente, e outros. Os críticos do meu regime nos chamam a todos de corruptos oportunistas, aproveitadores. Gostaria de os ver embriagados pelo poder que de facto possuímos. Ainda roubavam mais, ao pé

---

\* Pesquisa financiada com bolsa de doutoramento CAPES.

\*\* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

deles seríamos considerados arcanjos. Só criticam porque estão longe do favo de mel.<sup>1</sup>

O trecho em destaque foi retirado do romance *Sua excelência, de corpo presente* (2018), último livro publicado por Pepetela<sup>2</sup>. O romance conta a estória<sup>3</sup> de um ditador africano que mesmo morto, vê, ouve e pensa. A narrativa se passa no seu funeral e a partir daí somos envolvidos pelas relações de poder que o levaram à presidência a partir dos pensamentos do ditador sobre o que seria um sistema político africano. A crítica aos sistemas políticos autoritários que fizeram parte do continente africano após os processos de independência, os abusos de poder, as práticas de corrupção e nepotismo vêm à tona a partir das lembranças vividas pelo ditador. Pepetela acena ainda para a influência que o ditador, mesmo morto, ainda exerce na vida social e política daquele país (que não é nomeado). A sua sucessão política, em meio a disputas, ainda é respaldada pela presença do defunto e de sua família.

Por mais que não se debruce, especificamente, sobre Angola, o presente romance também faz parte de uma crítica interna à política do continente após os movimentos de independência. Chama-nos atenção em seus romances a crítica contundente às relações que se desenvolvem entre o Estado e a sociedade desde a independência e como a política é tecida a partir de relações clientelistas e neopatrimonialistas<sup>4</sup>. Pepetela problematiza as relações políticas em diálogo com as acomodações de interesses que são desenvolvidas entre as diferentes camadas sociais e os governantes, tema já presente em outros romances, principalmente, entre os retratados na presente pesquisa. No momento em que José Eduardo dos Santos deixa a presidência de Angola após trinta e oito anos no poder, Pepetela dialoga mais uma vez, a partir da sua literatura, com a história recente do país angolano. Por mais que o escritor afirme ter sido uma coincidência a saída de Santos com a publicação do livro, não podemos deixar de aproximar os dois eventos.

As páginas dos romances de Pepetela constituem um espaço de denúncia e inconformismo. O lugar que o escritor ocupa dentro do seu país, mas também fora dele, possibilita

---

<sup>1</sup> PEPETELA. Sua excelência de corpo presente. Portugal: Dom Quixote, 2018. P.18

<sup>2</sup> Ainda sem previsão de edição no Brasil.

<sup>3</sup> Desde a reforma ortográfica que ocorreu em 1943, a distinção existente entre história e estória foi eliminada, sendo seu uso característico de uma interpretação inglesa entre history e story, ao demarcar as diferenças entre uma história real e uma estória pautada pela ficção. Todavia, ao longo da presente pesquisa, faremos uso dessa distinção, que no Brasil ganhou fôlego com a publicação do livro “Primeiras estórias” (1962) de Guimarães Rosa. O literato brasileiro fez largo uso dos dois termos, marcando as diferenças entre uma realidade e uma criação ficcional, por mais que reconhecesse a influência existente entre um e outro termo. A escolha por essa posição, na presente pesquisa, se dá à medida que podemos encontrar nos romances de Pepetela a distinção entre o uso das duas palavras, um desses momentos, inclusive, é o título da presente introdução. Além disso, também é declarado pelo próprio autor a influência que Guimarães Rosa tem na sua escrita, o que provavelmente pode ter contribuído para a sua aplicação dos termos. Todavia, é válido aqui reafirmar que compreende-se a história e a literatura a partir de perspectivas diferentes, conforme desenvolveremos mais adiante. Por mais que “realizem o mesmo fim: dar forma e sentido à experiência vivida”, Paul Ricouer defende que uma das características da narrativa histórica que a opõe à ficcional é que ela propõe “conhecer os homens do passado através de vestígios”, pois as “construções do historiador visam ser reconstruções do presente-passado. O documento impõe a data, o personagem, a ação”. (RICOUER, P. Apud.: REIS, José Carlos. O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção. In.: O desafio historiográfico. Rio de Janeiro: FGV de bolso, 2010. p.72-73). Para esse debate ver também: SERRÁPIO, Fabíola Procópio. História e estória na narrativa de Guimarães Rosa. In.: MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717 V. 07, N. 2 (julho-dezembro de 2016) e FREITAS, Almir de. Pepetela, passado, futuro. In.: Revista Bravo, 20 de setembro de 2016. Em: <https://medium.com/revista-bravo/pepetela-passado-e-futuro-53623e764790>. Acessado em 03/08/2019.

<sup>4</sup> CHABAL. Las políticas de violência. In: *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, Núm. 6 Abril de 2007, UAM-AEDRI; OLIVEIRA, Ricardo Soares. Magnífica e Miserável. Angola desde a Guerra Civil. Lisboa: Tinta da China, 2015

reconhecemos no conteúdo da sua escrita literária, mesmo em meio ao ficcional, a representação de uma realidade<sup>5</sup>. Somos envolvidos pela defesa de um projeto de nação e a afirmação de uma identidade que em alguns momentos se diferencia do projeto defendido pelo Estado-Partido. Constrói-se uma verdade baseada em concepções políticas e ideológicas em que o escritor acredita. As metáforas são utilizadas como recurso linguístico para descrever o real. O escritor, o militante e o cientista social se relacionam intimamente<sup>6</sup> trazendo à tona o conflito entre uma memória de Estado e uma memória individual que dão o tom de testemunho entre as suas narrativas.

É interessante notar ainda o quanto a sua escrita apresenta um discurso de autoridade, interferindo diretamente no modo como enxergamos a sociedade angolana. O valor de testemunho dos seus romances estão relacionados à sua experiência não só como guerrilheiro na luta de libertação de Angola e governante no período pós independência, mas como ator social que por vezes se encontrou entre as fronteiras existentes tanto no país quanto fora dele e utilizou a escrita literária como meio de expressão. Suas escolhas perpassam diversas inquietações que fizeram parte do processo de construção do Estado e nação angolana. E a sua transformação em homem público e intelectual angolano está em diálogo com estas questões.

Desse modo, devemos reconhecer o quanto a literatura foi utilizada por Pepetela como meio principal de problematizar a realidade do país, mas também de refletir, compreender e intervir no processo contínuo de construção nacional. Seus livros constituem um material rico para a análise de Angola, que abrem novos caminhos e ultrapassam os limites que então teve como militante do MPLA, agente do Estado e sociólogo. Seus romances romperam as barreiras nacionais e fazem parte do imaginário sobre a identidade nacional angolana, principalmente ao considerarmos que muitas vezes o primeiro contato que uma pessoa tem com a História do país é a partir da sua literatura.

Ao considerarmos o Pepetela em sua individualidade e intelectualidade devemos estar atentos às fronteiras sociais que esse escritor percorre. Como homem branco, estudante e urbano, morador de Benguela, devemos sempre considerar de que lugar Artur Pestana parte, mas também tentar reconhecer que as fronteiras por que circulou contribuíram para definir a formação do escritor que conhecemos hoje<sup>7</sup>. Embora tenha como referencial Angola para a sua escrita, reconhece a importância da sua trajetória para o desenvolvimento da sua obra:

Gosto disso, intelectual entre fronteiras... Talvez tenha tido a sorte de viver várias vidas, cidadão perto do mar, vivendo e combatendo mais tarde no mato, em muitas regiões diferentes, exilado em vários exílios na Europa e em África, membro de uma minoria sempre, do ponto de vista da origem, da raça, das ideias, muitas vezes solitário. Certamente que influencia qualquer obra.<sup>8</sup>

Logo, a oposição ao colonialismo formou-se entre esses trânsitos. Os debates nacionalistas em meio a uma forte tendência racialista, mas sendo branco, lhe possibilitou olhar a formação da

---

5 Pepetela já recebeu o prêmio de literatura por obras como *Mayombe* e *Yaka*, assim como o prêmio da Associação paulista dos críticos de arte (APCA) pelo livro *Geração da Utopia*; o prêmio da União dos escritores angolanos (UEA); prêmio Camões pelo conjunto de sua obra; o prêmio holandês Prinz Claus, novamente pelo conjunto da obra; o prêmio da Câmara Municipal de Sintra (Portugal); recebe a Ordem de Rio Branco (Brasil) e o prêmio literário de escritor galego universal promovido em Santiago de Compostela.

6 SERRANO, Carlos. O Romance como documento social: o caso de *Mayombe*. In.: *Via atlântica*. Nº 3, dez. 1999.

7 Ao longo do texto faremos referência a Artur Pestana ou Pepetela de modo indiscriminado, apenas como recurso de escrita para o texto não ficar repetitivo.

8 PEPETELA. Entrevista por meio eletrônico a Carolina Bezerra em 25/07/2017.

nação por outras brechas. Do mesmo modo, o seu olhar de indivíduo do sul também trouxe problematizações significativas, abrindo questionamentos internos no MPLA, em especial sobre a formação de uma ampla rede de privilégios que teve início ainda durante a luta de libertação. Todavia, a sua aproximação com a realidade urbana, letrada e intelectualizada, ampliada quando foi estudar em outros países, aproximaram o escritor do ambiente político-ideológico do MPLA.

Esse seu lugar de origem e de resistência também aparece nos romances. Assim, a construção dos personagens de Pepetela denotam uma verossimilhança com a realidade do país; mas longe de estarem presos diretamente “aos de cima”, suas críticas possibilitam nos voltarmos para os diferentes tipos sociais que formam a sociedade, encontrando tanto nos macro quanto micro poderes as formas que delineiam um país marcado pela violência e autoritarismo. Ao longo das suas narrativas ganham destaque os personagens que seriam silenciados pelas histórias oficiais. Somos envolvidos por uma polifonia que tem por objetivo destacar essa multiplicidade de vozes que fazem parte de Angola. Do mesmo modo, o escritor se coloca e anuncia no início do romance *A Geração da Utopia* (1992) de que lugar fala:

Na prova oral de Aptidão à Faculdade de Letras, em Lisboa, o examinador fez uma pergunta ao futuro escritor. Este respondeu hesitantemente, iniciando com um portanto. De onde é o senhor?, perguntou o professor, ao que o escritor respondeu de Angola. Logo vi que não sabia falar português; então desconhece que a palavra portanto só se utiliza como conclusão dum raciocínio? Assim mesmo, para pôr o examinando à vontade. Daí a raiva do autor que jurou um dia havia de escrever um livro iniciando por essa palavra. Promessa cumprida. E depois deste parêntesis, revelador de saudável rancor de trinta anos, esconde-se definitivamente e prudentemente o autor.<sup>9</sup>

A aproximação com o leitor excede os limites ficcionais e faz emergir o narrador dentro de um processo histórico em que “imperavam os valores impostos pela ideologia colonial”. E, é a partir desse ponto, que novas vozes insurgentes vão aparecer na narrativa, demarcando a presença de novos atores e novas complexidades, que não se restringem somente à língua, mas, sobretudo, na construção de uma identidade afastada dos liames coloniais.<sup>10</sup>

Por outro lado, por vezes se coloca como um solitário. Se, em alguns momentos, era visto como um “branco de segunda” em Angola, quando chega a Portugal essa posição fica ainda mais evidente. Inúmeras vezes apareceu como um homem à margem. Durante anos ficou exilado, depois retornou ao país de origem na condição de guerrilheiro e membro do MPLA, mas não deixava de causar estranheza e questionamentos, principalmente pela sua cor. Quando resolveu sair do partido que antes o acolhera, também suscitou críticas que vinham tanto de dentro quanto de fora, pelas escolhas que fez quando era do governo.

Diante dessas posições, torna-se fundamental nos atentarmos para a importância da sua trajetória pessoal para a construção de um discurso muitas vezes lido, sobretudo, pela chave da utopia. Ao ser questionado sobre a sua produção literária, Pepetela reconhece o quanto a sua experiência de vida interfere no momento da escrita: “Uma participação tão prolongada no

---

<sup>9</sup> PEPETELA. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013. P. 9.

<sup>10</sup> MATTOS, Tatiane Reghini. *As vozes narrativas de Pepetela: A Geração da Utopia e Predadores*. Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo:2013.

processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influencia a minha literatura, sobretudo em torno dos temas que escolho”<sup>11</sup>. As preocupações com a nação movimentam as suas tramas, que não se constituem apenas como reprodução de um cenário, pelo contrário, elas trazem reflexões, interferindo diretamente no modo como enxergamos a sociedade angolana. As frustrações de uma geração não são apenas encenadas nas páginas de seus livros sem que com elas não venham perspectivas para um futuro, em um claro ato político.

Ao fragmentar-se em diversos de seus personagens, o autor transforma a sua perspectiva sobre a realidade em testemunho, trazendo uma nova verdade originada no sujeito e em sua experiência de vida. Seu ato de lembrar, inerente aos interesses do presente e aos laços de interdependência que regularam suas relações sociais, exige que nos debruçemos sobre a sua trajetória.<sup>12</sup> Nesse sentido, parte-se da premissa de que a criação dos personagens está diretamente ligada à realidade individual do romancista. Por mais que seus personagens não correspondam a pessoas reais, eles nascem delas. Portanto, partir das complexidades existentes entre os seus personagens para compreender o mundo que cerca o escritor é válido por considerarmos que as escolhas narrativas necessariamente estão amparadas pelas memórias de Pepetela. O ato de lembrar, ou seja, o retorno ao passado seria movimentado a partir de interesses do presente, causando uma “mistura de tempos”<sup>13</sup>.

Mas realmente não há nenhuma personagem que seja eu. Aliás, não há nenhuma personagem que seja real. Todos eles são ficção, ou utilizando por vezes um ou outro dado de uma pessoa existente ali ou fora do contexto que eu conheci, numa versão<sup>14</sup>.

A passagem em destaque faz parte de uma entrevista concedida por Pepetela a Carlos Serrano sobre as personagens do livro *Mayombe* (1980). Todavia, esta afirmativa do autor poderia fazer parte das reflexões sobre a sua produção literária: personagens fictícios que guardam uma verossimilhança com a realidade e com a experiência de vida do escritor. A pluralidade de narradores que compõem os romances também chama a atenção, pois demarca as diferenças e contradições que fizeram parte dos seus questionamentos enquanto indivíduo no processo de construção da nação angolana. Assim, Pepetela também se torna personagem dos seus romances à medida que suas escolhas narrativas são cercadas por tensões entre o indivíduo e o mundo social.

Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre a importância da memória na escrita historiográfica, devemos estar atentos às dimensões políticas que interferem na sua narrativa. A “experiência do vivido”, como ressaltou Walter Benjamin, sempre foi vista dentro de uma perspectiva frágil e volátil, o que naturalmente afastaria a memória dos objetos do historiador. Dialogando com essa perspectiva, Enzo Traverso defende que o surgimento da testemunha põe em causa algumas práticas do historiador, pois longe de se constituir como uma memória efêmera, como defende Benjamin acerca da experiência vivida, ela traz questões fundamentais para pensar a escrita da história, tornando a memória parte da oficina do historiador.<sup>15</sup>

---

<sup>11</sup> PEPETELA. MOTA, Denise. “independência e Justiça”, *Raça Brasil*, nº97, São Paulo. APUD.: CHAVES, Rita MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009. p. 37.

<sup>12</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. P.10

<sup>13</sup> Idem. p.10.

<sup>14</sup> Entrevista concedida a Carlos Serrano (1999).

<sup>15</sup> TRAVERSO, Enzo. *O Passado. Modos de Usar*. Lisboa: Edições Unipop, 2012. p. 12-16.

Mesmo cercado por contradições e armadilhas, os discursos memorialísticos devem ser reconhecidos como um dos diferentes modos do homem se representar. Sob esse viés, o interesse para o historiador está em investigar “quem recorda, o que se recorda, como, para que fins, com que meios, o que importa são os artifícios e as práticas da memória”.<sup>16</sup> O testemunho passa a ser personagem da sua narrativa.

Por meio desse ponto de vista, também compreendemos que o diálogo entre a história e a literatura se torna fecundo à medida que entendemos a história e as fontes históricas não como verdades absolutas, mas sim, como representações historicamente construídas sobre dada realidade, produzidas dentro de processos históricos determinados. As disputas e os anseios se relacionam e definem a escrita de determinado texto. Pois as condições de produção influenciam diretamente as representações que o indivíduo faz acerca do que viveu.

Deve-se ressaltar, contudo, que a literatura de Pepetela não é compreendida aqui a partir de uma perspectiva clássica da literatura do testemunho. Esta, de acordo com Seligmann, deve ser considerada como tal a partir da sua relação e compromisso com o “real”, o que não caracteriza as narrativas do escritor angolano, cercadas de ironia. De acordo com o crítico, esse modelo literário traz novas indagações à literatura, pois ela deixaria de ser amparada somente em uma dimensão que imita a realidade para ser a própria manifestação do real.<sup>17</sup>

Entretanto, por outro lado, as preocupações teóricas que cercam a análise da literatura de testemunho também devem estar presentes no relato romanesco, principalmente, se nos voltarmos para a autoridade que Pepetela exerce na construção das suas narrativas, conforme já foi ressaltado. Todavia, ao focarmos nos romances considerados políticos, compreendemos que há uma escrita muito mais engajada, de denúncia. Em diálogo com uma historiografia recente, os romances de Pepetela vão contribuindo para uma reflexão importante acerca das relações políticas angolanas, que mesmo após a independência, guardam marcas do período colonial.

**“E o meu sonho...se foi. Com ele começa a vossa fala”<sup>18</sup>.**

A leitura sobre a política nas obras de Pepetela foi desenvolvida na maior parte dos casos pela chave da utopia. Em diversas pesquisas a desilusão com o decorrer do processo de independência em Angola seria a principal marca da literatura pepeteliana, mas não só a dele, como a de um grande número de escritores que no pós-colonial viram os seus projetos revolucionários e sonhos de uma sociedade independente ruírem. Todavia, por mais que essa leitura seja fundamental para compreendermos os romances de Pepetela, busca-se aqui problematizar também o quanto, de diferentes formas, o escritor revela realidades complexas e múltiplas ao encenar em seus romances uma sociedade que guarda uma série de ambiguidades. Do mesmo modo, ressignifica conceitos, afirma posições políticas e influencia o nosso modo de enxergar a sociedade angolana.

A partir dessa leitura de utopia, somos envolvidos por um diálogo com uma perspectiva que compreende o termo não como passivo, mas sim, como interventor do campo político, em que a ação seria condicionada no presente ao projetar um futuro de um lugar não

---

16 JULIA, Santos. “Por la autonomia de la história. Claves de razón práctica”, 207 [Consultado: 01/07/2013] [http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia\\_2\\_2.pdf](http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia_2_2.pdf).

17 SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

<sup>18</sup> PEPETELA. O cão e os Caluandas. Portugal: Dom Quixote.2014. P.169

inalcançável mas atingível, pois possui “um efeito de transformação sobre a ordem histórico social existente”. Assim, ao considerarmos o caráter político do termo, os romances de Pepetela podem ser interpretados dentro de uma tradição literária angolana que propõe utilizar a escrita como forma de expressão e transformação da própria realidade, pois “a imaginação utópica” não seria limitadora à medida que também intervém e passa a se colocar como ação política a partir da afirmação de “novos valores, moralidade e éticas diferentes das vigentes”<sup>19</sup>. Para Inocência Mata, que faz uma análise importante sobre o caráter utópico de grande parte da obra de Pepetela, seria arriscado afirmar, sem levarmos em consideração o valor real da escrita do romancista, que a sua obra se enquadra simplesmente em uma dimensão utópica. Pois devemos considerar, sobretudo, o quanto Pepetela “não propõe projetos irrealizáveis”, mas sim, cria representações que condizem com os debates e as tensões políticas que Angola vivencia no seu pós-colonial.<sup>20</sup>

O aprofundamento dessa leitura possibilita, para além de demonstrar todo o processo imaginativo que contém a obra de Pepetela, que possamos refletir como o valor utópico recriado pelo escritor abre espaço para novas alternativas políticas em que novas dimensões sobre o político na sociedade angolana são recriados. Como poderemos ver, em diversos momentos seus personagens apontam para outras direções que não invalidam a realidade, mas sugerem diferentes projetos para a Angola independente. Além do mais, a escolha em acompanhar a trajetória pessoal de Pepetela em diálogo com o contexto político-social de Angola e a análise dessa realidade em diferentes romances, escritos e publicados em diferentes momentos, permite notar o quanto essa sua capacidade de refletir sobre Angola através da chave da utopia foi se modificando.

Ao representar um Estado corrupto e patrimonialista, análises que já constam em suas narrativas desde o início da década de 1980, Pepetela propõe não apenas denunciar, mas recriar um cenário político em que nos vemos diante de diversos MPLA's, assim como de indivíduos que traíram o projeto inicial.<sup>21</sup>Inclusive, um dos pontos centrais da sua crítica é como, de diferentes maneiras, a sociedade se relaciona com o Estado e mantém uma rede de privilégios, apontando para as diferentes culturas políticas que circulavam no período e o quanto os valores liberais e democráticos ainda não pareciam consolidados em Angola. Assim, os seus heróis são aqueles que não se identificam com a estrutura política que se formou e ao romper com esse sistema, de diferentes maneiras, seja através do exílio, seja através da esperança ou da insanidade, passam a ser os “marginalizados do processo”<sup>22</sup>. Por outro lado, mantém uma posição de esperança, que em alguns momentos pode ser interpretada como utópica, dentro do significado primeiro da palavra, pois seria a projeção de um lugar ideal, que por mais que reconheça em alguns momentos a dificuldade em alcançar essa realidade, a sua concepção de vida somente parece ter sentido com essa busca, é o que Pepetela chama de “utopias positivas”<sup>23</sup>.

Quando nos debruçamos sobre a leitura de *O Cão e os Caluandas* somos surpreendidos por uma narrativa que pode ser interpretada como um ritual de passagem na literatura do escritor. Pela primeira vez aparece na sua produção literária uma crítica direta à estrutura política e social que se forma no pós-independência, por mais que em *Mayombe* as previsões sobre esse futuro já fossem desencantadoras. É interessante notarmos, inclusive, o quanto em *O Cão e os Caluandas*, diferente

---

<sup>19</sup> MATA, Inocência. Ficção e História na Literatura Angolana. Op. Cit. 1993. P.238-240.

<sup>20</sup> Idem. P.296.

<sup>21</sup> É importante termos consciência da enorme frente que compunha o movimento. Diferentes grupos, com variados projetos político-ideológicos e nacionais faziam parte do MPLA.

<sup>22</sup> MATA, Inocência. Ficção e História na Literatura de Angola. Op. Cit. 1993. P.306.

<sup>23</sup> Essa declaração foi dada por Pepetela no encontro com o autor em evento na UFRJ no dia 21/06/2016. Ao ser questionado por mim sobre o que significava ser “socialista utópico”, um termo recorrente em suas entrevistas, o escritor esclarece a importância da utopia na sua vida.

de outros romances que virão futuramente, os problemas estão mais fragmentados entre diferentes personagens, a corrupção não está somente no governo e na estrutura burocrática, mas está no seio da sociedade que se formou em meio a uma estrutura desigual, articulada ainda nos tempos do colono, mas não restrita a ele. Todavia, novamente retomando a afirmação do escritor, sua crítica buscava mudanças, eram posições de um militante que ainda buscava dialogar com o partido.

Nesse sentido, à medida que o cão circula pela cidade de Luanda, as contradições sociais, políticas e econômicas são postas, mas não de maneira clara, pois a intensa interlocução entre autor e leitor dá margem a diversas interpretações. O cão não aparece somente para desmascarar os personagens mas também para construir um painel da sociedade formada no pós-independência, que é apresentada dentro de uma pluralidade, à medida que “a verdade é como um diamante, reflecte a luz do sol de mil maneiras, depende da faceta virada para nós”<sup>24</sup>. Não há somente vítimas ou algozes, bem ou mal, mas sim diversas interpretações. Nesse cenário, as dicotomias são retrabalhadas a partir de uma lógica que enxerga também “a plasticidade cultural”<sup>25</sup> que contradizem polos até então vistos como antagônicos. As tensões que circundam as escolhas sociais são postas em cada obra e o leitor, convidado a participar. Como afirma Maria Salgado, “a obra termina lembrando que pela incerteza se é levado a construir e, simultaneamente, desconstruir todo o texto, já que o ato de interpretar transforma-se num processo infundável”.<sup>26</sup>

Ao narrar a história de um cão pelas ruas de Luanda a partir dos relatos ficcionais criados pelo autor, que se coloca como um personagem-jornalista responsável por amarrar as histórias, somos envolvidos pela história de Angola nos seus primeiros anos após a independência. Todavia, no “aviso ao leitor”, logo no início do livro, o escritor elege um tempo e um lugar mítico (Calpe, 2002) para se colocar, distanciando-se do cenário turbulento e nebuloso do pós-independência para construir a sua crítica. A escolha de Calpe não é fortuita na narrativa de Pepetela, ela tem significado que se explica a partir dos seus próprios romances. Ao ser questionado sobre a origem da palavra Calpe em sua obra o escritor afirma:

Julgava que a tinha inventado a partir de partes do meu nome (Carpe no princípio, de Carlos Pestana; depois abrandei a sílaba inicial). Calpe tem sido a cidade, que vai mudando conforme as épocas. Era a cidade do sonho em Muana Puó (foi nessa altura que foi “inventada”), a neutra e sem vida de “O Cão”, a cidade de todos os perigos de “Parábola...” e finalmente uma cidade inventada do nada em “O Quase Fim do Mundo”.<sup>27</sup>

Calpe aparece pela primeira vez em *Muana Puó* (1969), sendo a representação de um “lugar simbólico que referencia a Angola independente” em que o termo independência carrega em si “valores como bem-estar, igualdade, justiça, paz, solidariedade, fraternidade, progresso, tolerância”. Portanto, é criada como uma sociedade perfeita, embora subvertesse “a ordem natural e social do mundo físico”<sup>28</sup>. Todavia, Calpe aparecia agora no novo cenário como a representação ideal para o escritor que se coloca à margem do aparelho burocrático corrupto que se formou, por

---

<sup>24</sup> PEPETELA, Op. Cit. 2014. P.87

<sup>25</sup> BAYART. Op. Cit. 1999. P.34.

<sup>26</sup> SALGADO, Maria Teresa. Op. Cit. 2009. P.273.

<sup>27</sup> CASTRO, Fernanda. Entrevista a Pepetela. Navegações, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 209-213, jul.-dez. 2014

<sup>28</sup> É interessante nos voltarmos para a análise de Calpe como um projeto tópico e não apenas um projeto de utopia (sem lugar), como é desenvolvido por Inocência Mata. A crítica literária retoma a “cidade dos sonhos”, construída a partir de uma realidade em que o espírito comunitário e de igualdade prevalece e por isso defende que sua concepção está mais próxima dos princípios de cidadania do que de uma política. Para mais sobre o debate ver: MATA, Inocência. Op. Cit. P. 250-253.

mais que Pepetela caracterize o lugar como “neutro e sem vida”<sup>29</sup>. Assim, ainda que estivesse no governo durante a escrita do romance, ao se afastar do local em que se desenvolvem as estórias, ele constrói signos para darem sentido à “sua percepção distópica da realidade do país no pós-independência”<sup>30</sup>.

Ainda dentro do quadro simbólico da narrativa, temos a existência de uma Buganvília que não para de crescer e é descrita como um estorvo na vida do cão Lucapa, que já tentou destruir a planta algumas vezes, sem sucesso, pois sempre há uma ramo que volta a nascer. A Buganvília é o título de dez histórias que são narradas em primeira pessoa a partir da escrita do diário de uma menina e compõe um outro espaço narrativo que seria uma quinta a 20 quilômetros de Luanda, lugar em que uma família passa férias e finais de semana. A Buganvília que cresce rapidamente e vai formando espinhos passa a refletir a imagem e semelhança do pai da menina à medida que os negócios dele vão aumentando em Luanda. Ao refletir sobre o gosto do pai pela Buganvília, a menina relembra que o pai afirmou o quanto a planta se parece com ele: “Sinceramente, não acho que o pai tenha tendência para crescer. Mas foi o que disse, que a buganvília era como ele, lá tem as suas razões”<sup>31</sup>. Nesse sentido, os negócios do pai estão ligados a venda de hortaliças que começaram a dar em abundância na quinta e passaram a ser vendidas a altos preços em Luanda, aonde faltavam todos os produtos alimentícios básicos naqueles tempos. Inclusive, quando são questionados sobre isso, respondem que não há problema, “o fiscal está no esquema”<sup>32</sup>, em alusão à burocracia corrupta do Estado que estava sendo construída.

À medida que as estórias vão sendo narradas na quinta e a venda de legumes, verduras e frutas começa a aumentar, presenciamos as mudanças estruturais nas vendas, pois conseguem ascender de quitandeiros a lojistas e almejam no futuro a construção de uma fábrica para concentrados e compotas, o que reflete as novas concepções sociais que estavam circulando entre os angolanos após a independência. Os usos dos esquemas e a busca por benefícios também era claro na fala dos personagens desse enredo. O objetivo era o engrandecimento pessoal em um momento de abertura de possibilidades econômicas, mesmo dentro de uma realidade econômica planificada. O sonho de uma estrutura econômica de cooperativa a partir das vertentes socialistas entrava em processo de desilusão. Por isso, a Buganvília representa o desenvolvimento de uma economia capitalista<sup>33</sup>, além de uma política corrupta e desigual, que por mais que ocorram tentativas de impedir o seu crescimento, ela volta a crescer e é nutrida pelas ambições de homens e mulheres que compõe a sociedade angolana.<sup>34</sup>

Por outro lado, são sujeitos das estórias da Buganvília os trabalhadores bailundos que passam a ser recrutados em larga escala para o trabalho da quinta que não para de crescer. O cotidiano deles remonta à vida tradicional dos angolanos a partir da enunciação de canções que

---

<sup>29</sup> Em diálogo com essa perspectiva, é interessante chamarmos atenção para o papel social e histórico que as obras literárias desempenham, ainda que por muitas vezes a partir da escrita e divulgação dos textos as interpretações se afastem do que o autor considera como a sua intenção.

<sup>30</sup> MATA, Inocência. Op. Cit. P. 250-253.

<sup>31</sup> PEPETELA. O Cão e os Caluandas. Op. Cit. 2014.

<sup>32</sup> PEPETELA. O Cão e os Caluandas. Op. Cit. 2014. P.137.

<sup>33</sup> Em entrevista Pepetela chama a atenção para o uso da planta para fazer cercas e impedir a passagem e na cabeça dele a imagem da Buganvília teria sido associada ao nascimento do capitalismo “que resistia em renascer de forma selvagem por mais que fosse impedido”. In.: CASTRO, Fernanda. Entrevista a Pepetela. Navegações, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 209-213, jul.-dez. 2014

<sup>34</sup> De acordo com Laura Padilha, Pepetela vai de encontro à tradição literária angolana anterior à independência que representa a Buganvília como signo de esperança e felicidade, pois o autor aqui a representaria como símbolo de destruição. In.: PADILHA, Laura. Entre voz e Letra, o lugar da ancestralidade angolana do século XX. Rio de Janeiro: Editora Pallas/ Eduff, 2007.

“pela tristeza, as cantigas devem falar da terra longe e das famílias ausentes”<sup>35</sup>. As novas relações sociais e econômicas apontavam para o aniquilamento das relações pessoais. Os trabalhadores eram deslocados da sua vida anterior e reinseridos dentro de uma nova lógica econômica que os via apenas como instrumentos para os fins do capital, rompendo com o significado da produção familiar que compunha parte do sistema econômico de Angola:

Vai ser preciso arranjar mais trabalhadores bailundos. O Antônio vai à terra para convencer alguns parentes a vir. Antes fazem outra cubata para os novos. A quinta está a aumentar, qualquer dia é um verdadeiro kimbo. Trarão as mulheres e os filhos? O pai não quer. Seria mais animado se as famílias viessem. E não criavam problemas nem faziam confusão, porque moravam longe de nós. Certamente o Antônio e os outros gostariam de viver com as famílias. Não sei porquê o pai não quer.<sup>36</sup>

Dentro dessa perspectiva, não temos como não fazer referência ao trabalho sob contrato que passou a existir em Angola após o fim da escravidão em 1878. Como retoma Silvio de Carvalho, a literatura angolana se debruçou sobre esse tema inúmeras vezes e apontou para os novos graus de exploração do trabalhador, que continuava sendo tratado como uma mão de obra barata dentro de um sistema que buscava manter a relação de “contrato” como solução para o fim da escravidão. Essa denúncia, feita em larga escala pela literatura, também foi tema primordial nas pautas políticas do MPLA antes da independência, que se aproximou da causa dos trabalhadores para conquistar o apoio desses homens explorados. Todavia, o que vemos em *O Cão e os Caluandas* é a permanência dessa concepção trabalhista e colonial sobre novas formas, recuperando uma crítica presente na literatura antes da independência.<sup>37</sup> Portanto, o escritor chama a atenção para o quanto para os bailundos pouca coisa parece ter mudado entre a lógica de trabalho imposta pelo colonizador e as relações de trabalho do país independente.

Quando nos voltamos para o lugar que Pepetela se coloca ao longo de todo o livro ao “falar do presente como se passado fosse”<sup>38</sup>, podemos interpretar essa escolha como um meio de enxergar a superação da crise que se instalou no país, a criação de um lugar – Calpe – seria a transfiguração de uma realidade que ainda cabe esperança. O cão, que ao final do livro consegue destruir a raiz da buganvília, cumpriu o seu propósito e após o gesto derradeiro, morreu com as patas ao mar, procurando “o vulto duma toninha”. A toninha, que é tema de alguma estórias, aparece como uma imagem de esperança em meio ao caos, ritualizando a “própria natureza do símbolo, pois instaura antes de tudo a dúvida, o sonho e o perpétuo refazer”.<sup>39</sup> Podemos interpretá-la ainda como a volta a um imaginário angolano que se aproxima dos valores populares ao descrever a toninha como a imagem de uma Kianda<sup>40</sup> “que tem algas como cabelos”.<sup>41</sup>

---

<sup>35</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Op. Cit. 2014.

<sup>36</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Op. Cit. 2014. P.61.

<sup>37</sup> CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. A identidade literária na literatura angolana (1975-1985). In.: Caderno CESPUQ de pesquisa, Belo Horizonte, nº5, p.68-77, abril,1999.

<sup>38</sup> MARTINS, Aulus Mandagará. Sátira, Utopia e Distopia em *O Cão e os Caluandas* de Pepetela. In.: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: 13 a 17 de julho de 2008. P. 4.

<sup>39</sup> SALGADO, Maria Teresa. *O Cão e os Caluandas: o Texto, o Leitor e o Mundo*. In.: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009. P. 272.

<sup>40</sup> PADILHA, Laura. Op. Cit. 2007.

<sup>41</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Lisboa: Dom Quixote,2014. p.157.

Assim, Pepetela termina o seu livro, revelando a sua narrativa como um sonho: “E o meu sonho...se foi. Com ele começa a vossa fala”<sup>42</sup>. As dificuldades de dar continuidade ao projeto de nação que antes almejava, ainda pode ser notado no trecho destacado abaixo, pois, por mais que a buganvília tenha morrido, uma parte dela teria ficado de pé, deixando dúvidas quanto ao seu fim.

O velho, num salto e num uivo de ódio ancestral, fez cintilar a catana na noite que caía, desferindo um único golpe no tronco da Bunganvília. Fatal, o golpe razou o solo e cortou o tronco em dois. Os outros gritaram e avançaram para a raiz e arrancaram-na. Nela ficaram cravados os últimos dentes do pastor-alemão.

Decepada, desenraizada, a buganvília estava morta. Mas parte ficou ainda de pé, agarrada pelos espinhos à parede. O tronco, cortado pela base, balouçava ao vento que vinha do mar distante.<sup>43</sup>

O episódio acima é narrado por Pepetela na última parte de seu livro *O Cão e os Caluandas* e descreve o combate do cão pastor-alemão, personagem principal de todo o seu livro, contra uma buganvília que estava plantada na quinta. Ao travar sua luta, o cão ganha a ajuda de trabalhadores bailundos explorados pelo proprietário da quinta. Se a princípio as histórias que compõem o romance podem parecer desconexas, tendo apenas a figura do cão a circular por todas elas, é nesse momento que temos a junção de um todo e uma série de questões pertinentes ao longo da leitura ficam mais evidentes, o que talvez seja reconhecido pelo próprio autor, que ao final propõe lermos o romance de trás para a frente. Portanto, se escolhermos começar a análise do romance pelas suas últimas páginas, somos envolvidos pela própria posição que Pepetela ocupa dentro da narrativa, em que a reescrita da sociedade angolana, por mais que seja feita de um lugar distante, guarda uma proximidade com o seu modo de se relacionar com essa nova realidade angolana, que entre rupturas e permanências o aproximam e o distanciam da formação do Estado angolano no pós colonial.

Ao retomarmos uma entrevista de Pepetela, ele afirma que *O Cão e os Caluandas* foi um de seus livros mais críticos se nos voltarmos para o contexto político em que ele foi escrito e publicado. As suas críticas também se voltam para os indivíduos que compõem a sociedade no pós-independência, que de diferentes formas procuram se aproximar dos constantes esquemas para o favorecimento pessoal.

Eu é que mando realmente no serviço, por isso consegui arranjar imediatamente o documento. O chefe olhou-me de lado, a desconfiar, mas eu sou muito diplomata e lembrei-lhe umas operaçõezitas nada católica que ele tinha feito ou deixado de fazer, vai dar ao mesmo, bastou dar-lhe a entender que me lembrava delas e zás, a assinatura do chefe estava lá no papel. Bendita assinatura, vale-me duas grades por semana. Oh, também tenho um esquema para a carne, o peixe, as verduras, a roupa...Porque essas lojas oficiais não têm nada. Entro nos nossos tempos, não estamos no socialismo esquemático? (...) Ainda ando pelo esquema nacional, não entrei na importação.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Lisboa: Dom Quixote, 2014 P.169

<sup>43</sup> PEPETELA. Op. Cit. 2014.

<sup>44</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Lisboa: Dom Quixote, 2014. p.20

No trecho em destaque, que remonta à estória de um oficial que faz parte do aparelho burocrático do Estado, a corrupção é apresentada como prática comum do sistema político desenvolvido após a independência. Nesse sentido, cabe retomar alguns pontos debatidos aqui no que se refere ao modelo político presente no Estado angolano. Desde o momento da independência, a partir das constantes fugas de antigos proprietários de terras colonos e diante das dificuldades administrativas pelos angolanos que não tinham prática com a burocracia, novas políticas foram adotadas tanto no setor agrícola quanto no tecido industrial, provocando sérios problemas alimentares que fizeram parte do cotidiano angolano, principalmente no litoral, durante pelo menos os primeiros dezoito meses após a independência como ressalta Mabeko-Tali. O arroz e o peixe frito eram o prato principal, se não o único da população. Essas dificuldades em conjunto com a lei de confiscos e nacionalizações de 1976 contribuíram para as insatisfações da sociedade angolana que se viu cada vez mais dependente do Estado, controlado pelo MPLA<sup>45</sup>. Essas restrições de cunho econômico e social levaram ao desenvolvimento de uma lógica clientelista em que a população se aproximava do Movimento para obter prestígio e benefícios. Do mesmo modo, a corrupção se alastrava entre os setores burocráticos que buscaram novos meios de ganhar dinheiro.

Como destaca Nuno Vidal, o modelo político patrimonialista que caracterizou o Estado angolano trouxe com ele uma crescente elitização. Enquanto o partido se traduzia no principal acesso aos benefícios e bens materiais e a guerra se alastrava no país, os recursos foram ficando escassos e restritos a uma pequena elite, concentrada nas áreas urbanas e possuidora de uma boa escolaridade. Esse movimento contribuiu largamente para o alastramento da corrupção e dos mercados paralelos, pois grande parte da população se viu desamparada e sem acesso às necessidades básicas. Essa desigualdade social levou à busca crescente pelas ligações clientelistas, o que mantinha um ciclo vicioso, nutrido por um Estado que para se perpetuar no poder e manter a sua hegemonia tinha que valer-se de inúmeras alianças.<sup>46</sup>

Quando analisamos novamente a passagem destacada, podemos identificar as aproximações constantes entre o público e o privado, em que o oficial seria aquele que controlaria os serviços de acordo com os seus interesses pessoais, desobedecendo a concepção do público pelo bem coletivo. Ao escolher essa abordagem, Pepetela, que ainda fazia parte do governo durante a escrita do livro, propõe ressaltar os casos de corrupção que já eram cotidianos do governo, que teoricamente se aproximava do socialismo, mas na prática se desviava da ideologia nutrida por parte dos seus militantes<sup>47</sup>. Ou seja, para Pepetela a busca em fazer parte da política clientelista não estava condicionada apenas aos problemas econômicos e sociais que atingiam a maior parte da população naquele pós-independência, mas estavam ligados a uma concepção ideológica, que negava na prática os pressupostos socialistas e já nutria um comportamento capitalista. Até porque, os homens que conseguiam essa aproximação com o Estado e com as suas políticas eram uma minoria, que ainda estavam alocados dentro de uma elite angolana.

Ao nos debruçarmos sobre as estórias é evidente como o socialismo é construído como uma retórica e um meio para adquirir bens. O uso indiscriminado do vocabulário marxista ao longo de *O Cão e os Caluandas* tem como objetivo ironizar essa relação que parecia frágil. De acordo com Silvio de Carvalho, o desejo de ressaltar o quanto a “penetração de conceitos e valores marxistas,

---

<sup>45</sup> MABEKO-TALI. Dissidências e poder de Estado. O MPLA perante si próprio. (1962-1977), V.2. Luanda:Nzila. 2001.P.173.

<sup>46</sup> VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola. Luanda: Firmamento, 2006. P.13.

<sup>47</sup> Oficialmente o socialismo passou a ser uma política do Estado angolano somente em 1977.

mesmo que de forma superficial” estavam nos jargões e no cotidiano das camadas populares nos diz o quanto “é mais fácil a difusão da letra que a do espírito”<sup>48</sup>.

Em diferentes momentos dessa estória somos envolvidos por debates que faziam parte daqueles finais dos anos 1970 e inícios de 1980. Enquanto a burocracia era alastrada pela corrupção, podemos nos voltar também para os discursos dos personagens, ainda inseridos nos preconceitos derivados de uma política colonial. Confessavam que os “tugas lá nisso de administração sabiam fazer as coisas”, pois o oficial lembra “aprendi com eles e não tenho vergonha de dizer”, a burocracia colonial era elogiada ao mesmo tempo em que ironicamente era caracterizada como digna pelo fato de “os papéis sempre direitinhos, as cópias certinhas...tudo bem ordenadinho, limpo...”<sup>49</sup>. Essa concepção burocrática descrita por Pepetela pode ser lida como uma sátira de um sistema colonial administrativo que era pautado por políticas de favorecimento e clientelistas que permaneceram no pós-independência. Além disso, o oficial aparece como um homem que já era próximo dos portugueses, já atuava no setor burocrático do regime, chamando a atenção para o desenvolvimento de uma jovem burguesia burocrática que entrou no aparelho do Estado pós-colonial por possuírem conhecimentos necessários para os anos logo após a independência. De acordo com Mabeko-Tali, esses quadros faziam parte de “elites urbanas que, tendo beneficiado amplamente do regime colonial, transitavam sem dor para o gozo de novos privilégios sócio-econômicos”<sup>50</sup>. É interessante notarmos que ao dar destaque a esses personagens, Pepetela desvincula esses homens da trajetória tradicional do MPLA, pois eles não tinham na grande maioria das vezes nenhum conhecimento sobre a natureza do Movimento.

Ao mesmo tempo, o autor chama a atenção para as permanências dentro do aparelho burocrático angolano. Havia dificuldades em compor o quadro administrativo no pós-colonial. Justamente por isso, muitos literatos foram alocados em cargos ministeriais e do governo para tentar suprir a demanda de pessoal qualificado ou mesmo alfabetizado. Todavia, o que Pepetela questiona é a permanência de indivíduos que não tinham proximidade com o MPLA, mas muito pelo contrário, eram herdeiros da burocracia colonial e com a independência continuariam atuando em setores importantes da estrutura política. A situação teria sido agravada ainda à medida que fazer parte do aparelho do Estado permanecia sendo interpretado como uma “recompensa política”, o que teria prejudicado a firmeza do modelo de gestão socialista introduzido pelo MPLA<sup>51</sup>.

Conforme desenvolve Ricardo Soares, a Sonangol é um exemplo importante para nos referirmos a algumas questões que apontam para as ambiguidades que fizeram parte da estrutura política-econômica do país. A empresa petrolífera seria a “pedra de toque do sistema paralelo”, pois a Sonangol não adotaria o pensamento econômico marxista, mas sim, seria guiada a partir da economia internacional. Além disso, conforme Soares ressalta, “em nenhuma outra área da economia angolana houve igual grau de continuidade, tendo as estruturas e o pessoal sido mantidos”<sup>52</sup>. Faz referência ainda a um executivo da Sonangol que diz ter iniciado sua carreira na Angol antes de 1974 e ter permanecido após a independência: “Durante o colonialismo, nos períodos da invasão estrangeira, do marxismo-leninismo e do capitalismo, eu nunca saí do mesmo edifício”.<sup>53</sup>

---

<sup>48</sup> CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Angola: História, nação e literatura (1975-1985). Op. Cit. P.286.

<sup>49</sup> PEPETELA. O Cão e os Caluandas. Op. Cit. 2014. P.21.

<sup>50</sup> MABEKO-TALI. Op. Cit. Vol. 2. 2001.P.171.

<sup>51</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares de. Op. Cit. 2015. P.56.

<sup>52</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares. Op. Cit. P. 57-58.

<sup>53</sup> Entrevista a um quadro da Sonangol, Luanda, janeiro de 2004. In.: SOARES, Ricardo. Op. Cit. P.58.

Esse debate é retomado também em outro romance de Pepetela: *Predadores*. Na narrativa o escritor dá destaque à trajetória do pai do personagem Sebastião Lopes, que de Cipaio nos tempos coloniais, passou a ser visto como um “patriota dedicado à ordem e à política nacional”<sup>54</sup>, um “orgulho do bairro”, pois com a independência “tinha sido integrado na nova polícia depois de um curso político intensivo e ocupava um lugar de algum destaque na corporação, compensando a falta de quadros experientes em manutenção da ordem pública”<sup>55</sup>. Podemos assim, compreender em diferentes momentos a crítica de Pepetela sobre a administração política do MPLA que se manteve contraditória e ambígua, por vezes abandonando o sentido revolucionário do movimento de libertação. Se em 1985, quando da publicação de *O Cão e os Caluandas*, o escritor já chamava a atenção para esses problemas que poderiam vir a minar o projeto socialista, em 2005, com a publicação de *Predadores*, já há a certeza de o quanto essas permanências contribuíram para arruinar a concepção de independência pautada por princípios de igualdade e liberdade.

Todavia, essas permanências não se faziam somente a nível burocrático e político, estavam presentes no cotidiano da sociedade à medida que as práticas autoritárias se perpetuavam. Assim, a partir das sensibilidades que caracterizam a escrita literária podemos nos ater a esses comportamentos que ainda faziam parte das práticas sociais. Desse modo, já em *O Cão e os Caluandas* aparecem as tensões e contradições de uma Angola recém saída do colonialismo, em que a afirmação de direitos políticos, civis e sociais ainda estavam em processo de construção. Ao retomarmos a estória do oficial somos também envolvidos na sua relação com o cão, que para o personagem teria se aproximado dele porque os cães “gostam de quem tem qualidades de chefe, de quem lhes dá segurança”. Essa característica do oficial, a qual o mesmo se atribui, propõe uma continuidade entre a sua postura no trabalho, corrupta e autoritária com a sua vida pessoal. Na passagem abaixo destaca-se um momento da narrativa que reflete esse argumento:

Na passagem lhe conto que tive de vuzumunar umas chapadas num dos miúdos que protestava contra a prisão do cão. Pois é, esses kandengues de agora, com as porcarias que andam a aprender na escola e nas ruas, já refilam com os pais: que o povo tem lá o direito à palavra e eles são o povo. Veja lá! Na minha casa, não. Eu falo e o resto ouve. Quem traz o dinheiro para casa? Quando eles ganharem o seu sustento e tiverem uma mulher em quem mandar e bater, então aceito que venham discutir comigo. Antes não, sou eu o chefe.

(...)

Zangulei pois uma porrada nos miúdos para mostrar quem era o soba, o bando aquietou-se.<sup>56</sup>

A partir desse trecho podemos levantar algumas questões que ampliam as nossas concepções políticas ao apontar para as ambiguidades que cercam o processo de construção das relações de poder em Angola. Ao mesmo tempo que o sistema político angolano, liderado pelo MPLA, tivesse como uma de suas propostas a valorização da figura da mulher<sup>57</sup>, os ideais de liberdade de expressão e de direitos a níveis civis, na prática esses valores ainda não estavam consolidados, tanto na estrutura política do partido quanto entre a sociedade, ainda cercada por

---

<sup>54</sup> PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. 2009.P.155.

<sup>55</sup> PEPETELA. *Predadores*. Op. Cit. 2009. P.132.

<sup>56</sup> PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Op. Cit. 2014.

<sup>57</sup> Destaca-se a criação da Organização da Mulher Angolana (OMA), um célula do MPLA.

um imaginário colonial, ou mesmo por tradições políticas regionais que ressignificam o complexo cenário angolano após a independência.

Por outro lado, cabe ressaltar a relação complexa entre sobas e Estado no período pós independência. A aproximação das autoridades tradicionais é vista como uma estratégia para reforçar o poder do MPLA em regiões periféricas, de difícil alcance<sup>58</sup>. Ricardo Oliveira retoma inclusive o quanto os portugueses se utilizaram desses chefes tradicionais para controlar a arrecadação de impostos e o trabalho obrigatório, transferindo para eles a autoridade. Do mesmo modo, agora o MPLA também se volta para essa prática, cooptando e aproximando esses chefes locais dos interesses do Estado, de modo a assegurarem votos entre as comunidades, transformando-os em beneficiários do regime.<sup>59</sup>

Ao acompanharmos a narrativa temporal dos romances de Pepetela, notamos que embora as mudanças nas estruturas políticas e sociais tenham sido consideráveis após a independência, em diferentes circunstâncias podemos notar as permanências do período colonial, seja em uma política excludente, que ainda se mantém distante dos interesses sociais, seja através das diferenças que se colocam entre os indivíduos, que perpassam os componentes étnicos e raciais mas também os regionais e políticos. Em *A Geração da Utopia*, escrito em 1991, o autoritarismo e as diferenças sociais também são representados como prática cotidiana do sistema político e social que estavam em formação. Podemos notar essa posição através de um conflito entre Malongo, já então ministro, e um funcionário seu. Em resposta às acusações sofridas por não querer pagar os dias trabalhados do funcionário, Malongo afirma: “E não viessem com os direitos sociais adquiridos com a Revolução, isso já tinha acabado. Para nunca mais esses populismos e igualitarismos que só tinham estragado o país”<sup>60</sup>.

O rompimento com a política revolucionária que é denunciada nas páginas dos romances de Pepetela encontra paralelo com a construção de personagens que contribuem para uma outra leitura dos homens envolvidos com o MPLA. Se por um lado o escritor problematiza o distanciamento que houve de parte dos militantes do movimento após a guerra em relação à política adotada pelo partido, por outro lado, propõe construir personagens que reforçam a moralidade do guerrilheiro ou mesmo apontam para uma nova ótica política ao levantarem saídas alternativas. Essa crítica liga-se a uma posição política ideológica nutrida por Pepetela que não reconhece no Estado que se formou o ímpeto revolucionário que o levou às guerras pela independência.

Todavia, se por um lado a crítica é uma constante nesses livros, em outros, a inevitabilidade em estar ao lado do MPLA ainda permanece. O debate político é bipolarizado, compreensível a partir do cenário de guerra que se vivia. A fala de Aníbal reafirma esse contexto

---

<sup>58</sup> Ricardo Oliveira traz um dado de maio de 2012, quando 41.554 autoridades tradicionais reconhecidas, num total de cinquenta mil, eram pagas pelo governo. In.: OLIVEIRA, Ricardo Soares de. Op. Cit. P.178. Nesse sentido, cabe ainda acrescentarmos uma crônica de Pepetela intitulada “Autoridades tradicionais”, em que o escritor utiliza o espaço jornalístico para emitir uma opinião sobre o crescimento dessas autoridades: “Mas agora surgiram do nada milhares de sobas, mais de quarenta mil dos quais recebem salário do Estado. Só em Luanda existem dezassete sobas, quando o único que é conhecido de sempre é o da Ilha, antes representante do rei de Kongo, proprietário do território desde a noite dos tempos. De onde saíram os outros dezasseis? Aliado a isto surge a moda de alguns sobas se intitularem reis. Já temos mais reis que toda a Europa junta (...) Os verdadeiros sobas podem exercer funções extremamente úteis para as comunidades e por isso devem usufruir do respeito do seu povo. Mas de forma coordenada com as autoridades administrativas legítimas e sem serem incensados como semideuses”. In.: PEPETELA. Crônicas maldispostas. Lisboa: Leya, 2015.

<sup>59</sup> OLIVEIRA, Ricardo Soares de. Op. Cit. P.179.

<sup>60</sup> PEPETELA. *Geração da Utopia*. Op. Cit. 2013.P.337.

político: “Só me queria afastar, ser independente, não sou contra eles nem existe alternativa fiável”. É inevitável não compararmos com a posição que Pepetela ocupa após a sua saída do governo.

## Referências Bibliográficas

BAYART, Jean François. *El estado em África: La política del vientre*. Bellaterra: 1999.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In.: SIRINELLI, Jean François e RIOUX, Jean Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: editorial Estampa, 1998.

CHABAL. Las políticas de violência. In: *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, Núm. 6 Abril de 2007.

CASTRO, Fernanda. Entrevista a Pepetela. *Navegações*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 209-213, jul.-dez. 2014.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. A identidade literária na literatura angolana (1975-1985). In.: *Caderno CESPUQ de pesquisa*, Belo Horizonte, nº5, p.68-77, abril,1999.

CARVALHO, Silvio. Predadores: *A escrita de si como subtexto da escrita do outro*. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

CHAVES, Rita. *Pepetela: Romance e Utopia na História de Angola*. Via Atlântica nº2. Jul. 1999. São Paulo: USP.

FREITAS, Almir de. Pepetela, passado, futuro. In.: *Revista Bravo*, 20 de setembro de 2016.

JULIA, Santos. “Por la autonomia de la história. Claves de razón práctica”, 207 [Consultado: 01/07/2013] [http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia\\_2\\_2.pdf](http://www.essayandscience.com/upload/ficheros/noticias/201105/julia_2_2.pdf)  
MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717 V. 07, N. 2 (julho-dezembro de 2016)

MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana: o caso de Pepetela*, Lisboa, Colibri, 1993.

MOTA, Denise. “independência e Justiça”, *Raça Brasil*, nº97, São Paulo. APUD.: CHAVES, Rita, MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009

MATTOS, Tatiane Reghini. *As vozes narrativas de Pepetela: A Geração da Utopia e Predadores*. Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo:2013.

MARTINS, Aulus Mandagará. Sátira, Utopia e Distopia em o Cão e os Caluandas de Pepetela. In.: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo: 13 a 17 de julho de 2008.

MABEKO-TALI. *Dissidências e poder de Estado*. O MPLA perante si próprio. (1962-1977), V.2. Luanda:Nzila. 2001.

OLIVEIRA, Ricardo Soares. *Magnífica e Miserável*. Angola desde a Guerra Civil. Lisboa: Tinta da China, 2015.

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2013.

\_\_\_\_\_. *Se o Passado não tivesse asas*. Lisboa: Leya, 2016.

\_\_\_\_\_. *Sua excelência de corpo presente*. Portugal: Dom Quixote, 2018.

\_\_\_\_\_. *Desejo de Kianda*. São Paulo: Leya, 1995.

\_\_\_\_\_. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013.

\_\_\_\_\_. *Predadores*. Rio de Janeiro: Lingua Geral, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Cão e os Caluandas*. Portugal: Dom Quixote, 2006.

\_\_\_\_\_. *Crônicas maldispostas*. Lisboa: Leya, 2015.

SERRANO, Carlos. O Romance como documento social: o caso de Mayombe. In.: *Via Atlântica*. Nº 3, dez. 1999.

PADILHA, Laura. *Entre voz e Letra*, o lugar da ancestralidade angolana do século XX. Rio de Janeiro: Editora Pallas/ Eduff, 2007.

RICOUER, P. Apud.: REIS, José Carlos. O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção. In.: *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV de bolso, 2010.

SALGADO, Maria Teresa. O Cão e os Caluandas: o Texto, o Leitor e o Mundo. In.: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009. P. 272.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

TRAVERSO, Enzo. *O Passado. Modos de Usar*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). *O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola*. Luanda: Firmamento, 2006.

**Artigo recebido para publicação em:** agosto de 2019.

**Aprovado para publicação em:** outubro de 2019.